

Estudo sobre os Aspectos Emocionais de Crianças com Dislexia.

Study on the Emotional Aspects of Children with Dyslexia.

Janice Aparecida Nascimento

CV: <https://lattes.cnpq.br/7577140344292498>

Marcio Alexandre Masella

CV <http://lattes.cnpq.br/4351336159702854>

Marcos Dantas Dos Santos

CV: <http://lattes.cnpq.br/5091509636555047>

Resumo:

O objetivo do nosso trabalho, é um estudo voltado aos aspectos emocionais de crianças disléxicas, no qual foram feitas diversas pesquisas tendo como base grandes teóricos renomeados, que explicam sobre as causas, origem e métodos para desenvolver a pessoa com dislexia. O importante a ressaltar é que a dislexia não é uma doença e sim um distúrbio genético que dificulta o aprendizado, a pessoa começa a trocar as ordens das letras ao ler ou escrever e apesar de não ter cura, é possível recorrer a tratamentos para que a pessoa tenha uma vida social normal, caso haja um suporte especializado desde a infância. E para concluir existente casos mais raros que podem acontecer na adolescência ou até mesmo na vida adulta. O diagnóstico pode ser feito por neurologistas, fonoaudiólogos e psicólogos, entre os 8 e os 9 anos de idade.

Palavras-chave: Disléxicas. Teóricos. Distúrbio. Diagnóstico.

Abstract:

The objective of our work is a study focused on the emotional aspects of dyslexic children, in which several studies were done based on great theoretical renames, which explain the causes, origin and methods to develop the person with dyslexia. The important thing to note is that dyslexia is not a disease but a genetic disorder that hinders learning, the person begins to exchange the orders of letters when reading or writing and although there is no cure, it is possible to resort to treatments so that the person has a normal social life, if there is specialized support since childhood. And to conclude existing rarer cases that can happen in adolescence or even in adulthood. The diagnosis can be made by neurologists, speech therapists and psychologists, between 8 and 9 years of age.

Keywords: Dyslexics. Theorists. Disturbance. Diagnostic.

Introdução

Acreditamos que a escolha de um tema bem definido, objetivos claros e a formulação do problema, que faça parte de nossa realidade de vida pessoal ou profissional, seja importante

para estudarmos o tema proposto. O estudo analisa os possíveis aspectos emocionais da criança que tem dislexia, podendo ter um melhor aprofundamento sobre compreensão do assunto. Muitos pais e professores ainda desconhecem os aspectos da dislexia. Muitas das vezes, encontramos professores despreparados para trabalhar com crianças que são disléxicas, no qual alunos ficam “de canto”, esquecidos, tendo muitas dificuldades na leitura e escrita, podendo causar até problemas maiores, como por exemplo: não compreender códigos e símbolos simples. O tema busca abordar os problemas e desafios encontrados na escola e na vida do aluno, tendo uma preocupação com a observação do contexto vivenciado da criança.

Notamos que há professores que não costumam dar muita importância para as crianças que têm algum tipo de inclusão, e entendem que aquele aluno é o problema. Nós, psicopedagogos, podemos avaliar uma série de erros que, se revisto, poderiam trazer uma grande bagagem de melhoria para escola, podendo auxiliar melhor o professor a lidar com uma criança disléxica, proporcionando melhoras na vida desse educando.

O que podemos analisar é que professores, muitas vezes, preparam o mesmo conteúdo, algo que seja repetitivo e que nem sempre traz resultados satisfatórios, ou até mesmo, só traz uma aula mais lúdica com brinquedos que não são interativos. Queremos abordar neste artigo, um estudo sobre crianças com dislexia, um conteúdo que possa desenvolver sua capacidade de raciocinar, dentro de suas habilidades em potencial e formas de solucionar problemas da escrita e leitura que favoreça seu estado emocional.

Foi abordado também questões relacionadas à família, no qual tratam a dislexia mais como uma doença do que como um transtorno, e sem querer, também, a família acaba dificultando o aprendizado da criança. Muitas vezes, por falta de informação acabam não dando atenção necessária aos seus filhos, por ter algum tipo de inclusão, ou não querem levar em consideração que o seu filho precisa de um mediador para que possa lhe auxiliar da melhor maneira possível. O nosso dever como um psicopedagogo é orientar a família, informando que a dislexia, não tem cura, mas tem tratamento e acompanhamento e que pode contribuir muito com a criança, para inseri-lo na sociedade e se tornar, se possível, um bom profissional.

Nós, psicopedagogos temos que ter um olhar diferenciado, para com esta criança, saber compreender, fazer um trabalho coletivo com os pais, instituição e gestores. Após uma entrevista com os pais e gestores, com a criança, aplicar uma anamnese, procurando saber tudo

o possível sobre ela para poder auxiliá-la, principalmente, no seu desenvolvimento intelectual, emocional e social.

O psicopedagogo ao se colocar no lugar da criança, também aprende a conhecer o seu emocional. Quando nos preocupamos a entendê-la, pode facilitar no desenvolvimento do seu ser integral: emocional, físico, social e intelectual. Isso, não bem trabalhado, acaba levando sérias dificuldades para adolescência, ou até mesmo para a sua vida adulta e velhice.

Para muitos alunos, o problema de inclusão do ensino fundamental é grave. Por desconhecer sobre a dislexia, a escola acaba acreditando que o dislético não sabe ler ou escrever, taxando a criança e a família por falta de atenção. Mas, na verdade, é necessária uma busca de entendimento sobre o assunto e compreensão da situação para todos.

Nós psicopedagogos, iremos trabalhar de acordo com as necessidades do dia a dia da criança. Precisa ser utilizado instrumentais que desenvolva, de maneira mais natural possível, tudo dentro do seu tempo. Respeitando seu intelectual, suas habilidades e suas atitudes. Podemos estudar e pesquisar as necessidades de cada criança, além de suas emoções, suas dificuldades e aproveitando para descobrir sua criatividade e usar estes aspectos em favor da criança.

A maior preocupação, como pesquisadores e como psicopedagogos, é com o comportamento de muitos educadores, com os familiares e responsáveis pela criança. Como educador temos a obrigação de pesquisar, conhecer e entender como procurar incluir todas as crianças nas atividades de sala de aula. Não importa as dificuldades de aprendizado, a questão é olhar e interagir com todos. Isso não ocorre em muitas instituições ainda hoje, por isso escolhemos este tema. Queremos fazer a diferença na nossa vida e na vida de crianças disléxicas. Buscamos fazer uma pesquisa mais aprofundada, pois a criança com dislexia necessita de um profissional qualificado. A pergunta é, quais os materiais de apoio que o psicopedagogo precisa ter, além do conhecimento necessário, para poder entender o emocional da criança dislética? Como a dislexia afeta o emocional da criança?

Objetivos

- Obter uma visão projetiva mais aprofundada, clara e direta, para entender os aspectos emocionais de crianças com dislexia, na educação infantil, a fim de melhorar seu desenvolvimento, seja em sala de aula ou na trajetória da vida pessoal;
- Identificar os alunos com dislexia no cotidiano escolar;
- Pesquisar o comportamento do aluno com dislexia no seu dia a dia

Metodologia

Neste estudo, trabalharemos com a pesquisa sobre análise crítica dialógica, numa abordagem qualitativa, como fundamento para nosso caminho e desenvolvimento teórico, cujo objetivo é de ir em busca de maiores informações sobre esses diferentes casos de crianças com dislexia.

A pretensão foi fazer uma pesquisa crítica social, numa análise crítica é avaliar a função do discurso:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com o nível de realidade que não pode ser qualificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (CECÍLIA, FERREIRA, CRUZ, GOMES et al, 2002, p. 21).

O objetivo foi tentar esclarecer decisões a serem tomadas, partindo de um contexto real, utilizando fontes de estudos como livros de grandes teóricos, revistas e internet. A visão desta pesquisa foi de contribuir não só no nosso conhecimento, mas deixar registrado sua elaboração. Iremos descrever aquilo que já foi analisado pelos teóricos, entender suas metodologias e analisar e fazer pesquisa de campo no decorrer uma investigação.

A pesquisa qualitativa, é uma abordagem que estuda aspectos subjetivos dos fenômenos sociais e do comportamento humano. Segundo Fonseca (2002), a metodologia é um estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para que se possa realizar uma pesquisa ou um estudo. A metodologia se interessa na validade do caminho escolhido para se chegar a um fim proposto.

Para Cecília, Ferreira, Cruz, Gomes et al (2002, p. 37), “o tema de pesquisa indica uma área interessante a ser investigada”, trata-se de uma delimitação ainda bastante ampla. O pesquisador deve se colocar no lugar do autor, enfrentando diversos obstáculos para desenvolver uma pesquisa com profundidade, clareza e objetividade, num estudo qualitativo. Esse tipo de pesquisa exige um trabalho amplo e com finalidade, tendo preocupação com começo, meio e fim. O pesquisador tem que ser um bom investigador e saber como falar sem abordar ou constranger seu entrevistado. Ele precisa ter consciência em buscar os autores que embasem seu trabalho. É necessário entender bem o caminho metodológico que irá seguir. “O pesquisador necessita conhecer a teoria já existente, pois é ela que servirá de indicador para a delimitação do campo ou área mais necessitada de pesquisas” (BOTTOMORE, *apud*: MARCONI, LAKATOS, 2003, p. 118). A abordagem qualitativa é a peça-chave para ir em busca do significado científico, somos nós pesquisadores que iremos intervir para chegarmos a algumas conclusões de todo o processo que aprenderemos durante a investigação.

“Diferentemente da arte e da poesia que se concebem na inspiração, a pesquisa é um labor artesanal, que se não prescinde da criatividade, se realiza fundamentalmente por uma linguagem fundada em conceitos, proposições, métodos e técnicas” (CECÍLIA, FERREIRA, CRUZ, GOMES et al, 2002, p. 25).

Este trabalho teve a finalidade de encontrar algumas respostas que ainda sondam os professores e, também, alguns psicopedagogos, tendo uma visão ampla, e uma abordagem voltada sobre os aspectos emocional, social cultural, o olhar da sociedade.

O estudo não é empreendido primariamente porque o caso representa outros casos ou porque ilustra um traço ou problema particular, mas porque, em todas as suas particularidades e no que têm de comum, este caso é de interesse em si. O pesquisador, pelo menos temporariamente, subordina outras curiosidades para que as histórias dos que “vivem o caso” emergam (MAZZOTI, *Apud*: STAKE, 2000, p. 641).

A pesquisa qualitativa tem como finalidade de fazer observações e análises de sentimentos, percepções, intenções, comportamentos e outros itens de natureza subjetiva, a pesquisa qualitativa se dá através de relatórios que enfocam os pontos de vista dos entrevistados. A pesquisa qualitativa é subjetiva, sugere interpretações e análises profundas, como também, diálogo constante com autores, com a finalidade de embasar o trabalho.

Dislexia: Causas e Definições

Procuramos pesquisar as causas da Dislexia, abordar os conceitos e os aspectos e descrever a importância de conhecer a dislexia como um transtorno e não como uma doença, pois sabemos que para alguns pais, esse transtorno é como se fosse uma doença, por falta de informações. É necessário entender os aspectos, as principais dificuldades de uma criança disléxica, qual é o tratamento para poder desenvolver o potencial da criança, vários métodos que os professores ou psicopedagogos podem usar para poder desvendar sobre o que o aluno necessita para ultrapassar as dificuldades de ler ou escrever, as dificuldades sociais, as barreiras que encontram, até mesmo dentro do núcleo familiar.

Dislexia pode ser visto como um transtorno que vem trazendo dificuldades para muitos que não conhecem, pois não é uma doença, mas sim um distúrbio específico de linguagem, aprendizado e leitura congênita e hereditário, caracterizado pela dificuldade de decodificar palavras simples. É uma dificuldade de aprendizado que pode trazer uma baixa autoestima.

Palavra dislexia significa "**dificuldades na leitura e na escrita**", onde *dis*=distúrbio, *lexia* (latim) = leitura; (grego) = linguagem.

Temos criança com dislexia apresentando problemas fonológicos. Pode-se dizer que quando um adulto ou criança aparece com problema fonológico automaticamente poderá apresentar problemas na escrita e na leitura, na aquisição e capacidade de **escrever** e **soletrar**. Não obstante todas estas informações, a compreensão do conceito de dislexia e da sua origem ainda está longe de gerar consenso. Para Massi (2011, p. 404), “a dislexia é um problema não apenas biológico, mas social”. Efetivamente, apesar de o autor defender que a dislexia é o resultado de uma patologia ligada ao funcionamento neurobiológico e/ou psicológico, também encontra outra explicação, fundamentada nas ciências humanas, atribuindo como causas da dislexia fatores sociais tão diversos como nível de alfabetização, educação, entre outros. Mas quando se descobre este distúrbio cedo, tem como trabalhar a fonetização da criança aos poucos. Ao exercitar o cérebro, melhora sua escrita e leitura, pois nosso cognitivo está acostumado com um caminho. A dislexia não afeta a inteligência da criança, afeta seu cognitivo, então é nesta área que os psicopedagogos precisam trabalhar. Ao estimular seu cérebro trabalhamos a parte auditiva, perspectiva visual e ritmo. Podemos usar músicas, jogos onde irá estimular seu cérebro. Como exemplo, jogos de sete erros, músicas, caça palavras, pesquisar figuras

parecidas, entendendo que toda parte visual estimula o cognitivo. Ao estimular os movimentos sacádicos da criança, facilitará na hora da escrita.

Devemos trabalhar as duas partes importantes com a criança disléxica: a auditiva e a visual. Essas duas partes que identificamos no processo de sequenciação da leitura e da escrita.

Segundo Pinheiro e Scliar (2017, p. 14), “a palavra dislexia vem do grego que significa dificuldade com as palavras”. Podemos dizer que existem dois tipos principais de dislexia sendo a primeira do desenvolvimento, que é uma condição inata, e a segunda que é a dislexia adquirida. É uma desordem neurológica, de origem genética com alto índice de hereditariedade. A pessoa também, pode perder as habilidades de ler e escrever como resultado de uma lesão cerebral, causado geralmente por traumatismo ou por alguma doença, como por exemplo derrame.

Hoje no momento que vivemos, a dislexia tem se apresentado, muito vezes, na educação infantil. Quando não é notado que esta criança tem este distúrbio vai acarretar problemas na adolescência, se estendendo por toda a vida. É muito importante que pais e educadores prestem atenção na criança, quando ainda na infância, para poder auxiliá-la. Dislexia vem se apresentando de várias maneiras e tem que prestar atenção, para saber qual é grau que este aluno vem enfrentando no dia a dia. Temos que deixar claro que não é uma doença, não é contagiosa, mas sim congênito e hereditário.

Muitas das vezes consideramos a dislexia apenas como dificuldades de ler e escrever, porém pode ir além disso, e podemos dizer que podem ter outras causas, como por exemplo os aspectos emocionais de uma pessoa, seja uma criança ou um adulto. Ainda na infância os problemas podem até ser maiores, caso os pais não recorram a tratamentos para que a aprendizagem da criança venha a trazer resultados positivos.

A dislexia do desenvolvimento (usualmente referida apenas como dislexia) é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta a linguagem escrita, sendo uma condição vitalícia e frequentemente hereditária (Pinheiro, Scliar, 2017, p. 15).

Muitos tratam a dislexia como se apenas fosse uma dificuldade na leitura e na escrita, entretanto a dislexia pode causar outros problemas, como dificuldades na aprendizagem, concentração, memória de curto prazo, organização, sequenciação, soletração entre outros.

Como psicopedagogos devemos estar atentos, podendo auxiliar a criança a desempenhar um papel importante na vida além de apresentar soluções e estratégias nas quais os pais poderão auxiliar seus filhos disléxicos. Em nossas pesquisas, verificamos diversos aspectos da vida de alguns famosos que são disléxicos e que até hoje assumem que ainda não tiveram um tratamento adequado, e sofrem com esse problema, por não conseguirem ler um texto simples, ou por confundir as palavras. Há uma dificuldade no reconhecimento de palavras, decodificação de símbolos e práticas de soletração (CALDEIRA e CUMIOTTO (2004, p. 127).

Os pais entendem que a criança disléxica está apenas com dificuldades para ler e escrever, e algumas vezes colocam até culpa nos professores ou na escola no qual o aluno está inserido, sem terem a noção do que pode estar acontecendo.

Dislexia não é uma doença, é um funcionamento peculiar do cérebro para o processamento da linguagem. As atuais pesquisas, obtidas através de exames por imagens do cérebro, sugerem que os disléxicos processam as informações de um modo diferente (DIEGO, GARCIA, LEON, GOULART, et al. 2016, p. 7).

Segundo Mourão (2003, s/p) existe hoje consenso de que a compreensão do texto é um processo mais complexo que envolve a forma como o leitor se conecta com ele. É um processo de pensamento, ou seja, de interação com o texto pela utilização de estratégias de previsão, autoquestionamento, estabelecimento de relações, identificação da função das palavras, controle, resumo e avaliação. A compreensão da leitura é extremamente importante no processo de aprendizagem e na formação de futuros profissionais, poder compreender palavras, diferenciar letras, compreender textos. Questões difíceis para o disléxico.

A soletração é um método de ensino da leitura que consiste em memorizar e pronunciar separadamente as letras e depois juntá-las em sílabas. É um processo de ler letra por letra, que auxilia a aprendizagem do disléxico.

Mais tarde, criou-se o procedimento de soletração, que gerou exaustivos exercícios de “cantilenas” (cantorias com os nomes das letras e suas combinações) e também o

treino com possíveis combinações de letras em silabários. Essas atividades eram sem sentido, porque demorava-se a chegar ao significado (CRISTINA, 2005, p. 23).

A escolarização inadequada pode ser vista quando a escola não dá nenhum tipo de suporte, no qual tem profissionais desqualificados, que não querem nem se quer dar atenção ou suporte necessário para o aluno, quando não se tem materiais pedagógicos necessários para se trabalhar com a criança que é disléxica.

Os transtornos da fala ou de linguagem, é a dificuldade que uma criança pode apresentar, para adquirir ou desenvolver a fala e a linguagem, mas que não é causada por lesões cerebrais e não afeta a inteligência. Para Munari (2010, p. 19), “a inteligência é um caso particular da atividade orgânica, e se as coisas que percebemos ou conhecemos são uma parte restrita do meio ao qual o organismo tende a adaptar-se, dá-se em seguida uma inversão destas relações”.

Os distúrbios emocionais vêm de uma inquietude ou agitação de origem emocional: distúrbio psíquico. O que atrapalha, incomoda ou perturba; perturbação, desordem (segundo o dicionário de português), distúrbios emocionais atrapalham o desenvolvimento do indivíduo, seja na escola, em casa ou até mesmo no trabalho. Na escola a criança sofre não somente por si própria, mas pela incompreensão das pessoas a sua volta, como os colegas, alguns professores e até mesmo os pais.

Entre umas das principais dificuldades de leitura e escrita, está a dislexia, que é uma dificuldade de aprendizagem que afeta a leitura e escrita, apresentando problemas relacionados como por exemplo os números, a memória, o domínio das letras números que afeta a fala.

Para ajudar a compreender as causas das dificuldades é interessante conhecer primeiramente o que é contexto escolar, o aluno e o contexto familiar. Partindo dessa primícia fica mais claro ao ponto que se quer atingir “o interesse do aluno” (Paiva e Batista, 2013, p. 22)

As dificuldades de aprendizagem são caracterizadas pela desordem ou disfunção no processo de aprender. Porém, com o aprofundamento teórico sobre suas possíveis causas e na busca por sua melhor definição. Por muitas outras terminologias surgiram para tentar explicar o que de fato são estes déficits no aprendizado (SOUZA, 2015, pp. 18 e 19).

Segundo Vírginia (2014, p. 11), se faz necessário o questionamento das condições do aluno que apresenta tais dificuldades de leitura e escrita, é importante que seja verificado se o aluno já adquiriu suficiente desenvolvimento físico, intelectual e emocional. Vários problemas podem estar relacionados às dificuldades na aquisição da leitura e escrita, e para o professor entender essas dificuldades terá que fazer algumas sondagens com o aluno e os pais da criança, somente com essa sondagem poder orientá-los para procurar um profissional qualificado que possa auxiliar a criança na sua trajetória escolar, tendo em vista encontrar o problema e, também, as soluções ou estratégias para que o aluno não venha ter um baixo rendimento escolar.

As dificuldades na coordenação motora geralmente começam na infância onde aparece quando ainda é bebê. É muito importante que os educadores trabalhem a coordenação motora fina e a grossa. Quando a criança tem dificuldade na coordenação grossa, apresenta dificuldades para correr, pular, andar de bicicleta. Na coordenação grossa se tem que trabalhar estes aspectos na criança. Quando este problema é percebido, os educadores têm como auxiliar a criança. Muitas vezes, isso não é percebido nem pela família, e nem pela escola.

A dislexia é, muitas vezes, confundida com a dispraxia, que causa dificuldades de planejamento de qualquer sequência de movimentos coordenados como, por exemplo, dificuldade para amarrar os sapatos. ... motora neurológica que impede o cérebro de desempenhar os movimentos ... É também conhecida por outros nomes como: disfunção motora e distúrbio, pois demonstra lentidão execução na habilidade motora aonde podendo trabalhar com vários exercícios brincadeira para ajudar na habilidade e no desenvolvimento, este distúrbio pode vim atrapalhar na escrita da criança quando o aluno apresenta este distúrbio onde terá muita dificuldade em interagir com as crianças em realizar, as atividades brincar, agora não podemos deixar de olhar para esta situação e ignora, mas sim buscar ajuda do profissional aonde poderá ajudar esse aluno quando ainda criança.

Muitas das pessoas confundem a dislexia, também com uma criança autista. Normalmente, ela é muito tímida e na realidade ela não quer dar o parecer da sua dificuldade motora no qual ela mesma já está ciente o que vem acontecendo com ela mesma.

Confusão entre esquerda e direita é muito comum na educação infantil, pois as crianças muito pequenas não conseguem identificar sua lateralidade pois, antes dos seis anos não podemos definir, agora depois dos seis anos a criança já tem possibilidade de saber seu lado direito e

esquerdo, pois porém ainda na educação infantil temos que trabalhar lateralidade, amarrar sapatos, levantar o pé direito ou esquerdo, calçar as meias indicando qual dos pés que é para ser, colocando outras brincadeira que ajudará criança a desenvolver o hábito correto.

Ainda, quando há uma especialização harmônica entre as partes corporais, a lateralidade é caracterizada como sinistro completo (escreve com a mão esquerda, chuta com o pé esquerdo), ou destro completo (escreve com a mão direita, chuta com o pé direito). A definição da lateralidade ocorre por volta dos seis anos, e nesse fato reside a importância da criança ao ingressar na escola já possuir uma dominância lateral estabelecida. Cada um dos hemisférios está preparado para realizar operações muito precisas e complexas, que irão possibilitar a execução de funções como a elaboração de praxias, a fala, a escrita e o pensamento cognitivo, que, por sua vez, estão dependentes da sua capacidade de cooperar e trabalhar conjuntamente. Para tal, é fundamental que a integração bilateral do corpo esteja estruturada e automatizada, caso contrário, a aprendizagem e o comportamento estarão comprometidos, pois a qualidade das relações e interações entre as várias unidades funcionais do cérebro estarão comprometidas.

A criança disléxica, muitas vezes, se esconde não pede ajuda, onde começa a se distanciar e se isolar. É tachado preguiçoso, relaxado porque não é visto suas limitações. Há vários graus da dislexia (leve moderado e severo). Com intervenções adequadas, terapia e técnicas específicas, é possível alterar o grau da dislexia ao longo do tempo.

O disléxico, normalmente tem dificuldades em diferenciar os lados direito e esquerdo, erros na leitura devido à má visualização das palavras sintomas da dislexia (a partir dos sete anos de idade), dificuldade na aquisição e automatização da leitura e escrita, desatenção, dispersão, dificuldade em copiar de livros e lousa, desorganização geral, dificuldade em ler em voz alta e compreender aquilo que foi lido e baixa autoestima.

Na visão de Costa (2017, p. 26), há grande importância do papel do psicopedagogo na orientação das crianças, famílias e no conjunto de professores que convivem com essas psicopatologias. E “são tantas as nomenclaturas propostas e descrições das características das crianças, que fica difícil saber quando nos referimos à mesma síndrome e quando tratamos de quadros diferentes” (Fumagalli, Alice, Silva, et al. 2004, p. 112). A abordagem neuropsicológica é o da modularidade, o sistema cognitivo possui vários módulos ou processadores cognitivos de relativa independência. O cérebro é provavelmente envolvido em

vários aspectos da leitura, incluindo os movimentos dos olhos, memória de trabalho, da língua e processamento espacial e aquisição de habilidades e automaticidade.

Segundo Kirchner (2004, pp. 293 e 295), muitos estudos que trabalham com crianças disléxicas chegaram à conclusão de que os disléxicos não são todos iguais. Uma importante abordagem explica essas diferenças, que focaliza as integridades e deficiências em vários processos de leitura dos disléxicos. E que uma forma produtiva de interpretar o padrão de leitura das crianças disléxicas é comparar com as crianças que não apresentam dificuldades no processo de aprendizagem da leitura. A dislexia do desenvolvimento pode ser interpretada como um atraso ou interrupção no processo de aquisição da leitura e da escrita.

Na visão de Fumagalli, Alice e Silva (2004, pp. 116 e 117), as buscas de marcadores biológicos de diagnóstico é tradição das áreas médicas, as pesquisas sobre as dislexias geralmente são de natureza experimental. Há dois tipos atuais que estabelecem um relacionamento entre cérebro e dislexia de desenvolvimento. O modelo de déficit que propõe disfunções cerebrais estão subjacentes à inabilidade na aquisição de adequadas habilidades de leitura. Os modelos de atrasos maturacionais adotam um panorama de desenvolvimento e propõem que a maturação cerebral está atrasada nessas crianças.

A dislexia pode estar envolvida também na matemática, a falta de interpretação dos números, falta de interpretação dos símbolos, por falta da leitura dos enunciados. A matemática também é uma espécie de linguagem e o disléxico pode ter essa dificuldade, mas também pode ter disléxicos que vão muito bem em matemática, não quer dizer que quem tem dislexia vai ter falta de inteligência, de forma alguma; uma pessoa disléxica pode ser uma pessoa muito inteligente.

Alguns estudos vêm apresentando, que causas de dislexia é uma genética hereditária é uma alteração neurobiológica, é um processamento de fonema grafema onde terá dificuldades na leitura e escrita.

Em outras palavras, o cérebro das crianças e de adultos com dislexia não funciona da mesma forma que o cérebro daqueles que não têm dislexia. Essa declaração é agora absolutamente incontestável. Poderosas técnicas modernas de neuroimagem, que nos permitem tirar “fotos” do cérebro e, também, localizar quais regiões são ativadas durante a leitura ou outras atividades,

complementam informações de estudos de mais de 50 anos atrás que detectaram aspectos diferentes no crescimento e organização do cérebro de pessoas com dislexia.

Fatores nutricionais durante a gravidez da mãe e na primeira infância da criança estão implicados, bem como a resistência imunológica do feto. Com relação aos fatores nutricionais na criança em crescimento, pode haver a falta do ácido graxo, que é a chave essencial para a formação das membranas dos nervos (PINHEIRO, SCLAR, 2017, p. 26).

Tomadas em conjunto, essas evidências mostram sem dúvida que crianças e adultos com dislexia ativam de forma diferente as regiões de seus cérebros quando leem palavras em comparação com crianças e adultos sem dislexia, quando leem as mesmas palavras nas mesmas circunstâncias. As causas, assim como a exata natureza dessas diferenças, no entanto, ainda não são claras.

Geralmente, o distúrbio de dislexia se apresenta mais no sexo masculino e que não existe uma “causa” única. De fato, muitos pesquisadores consideram que a dislexia é um transtorno que se encontra em um espectro de déficits e que a combinação desses déficits varia de uma pessoa com dislexia para outra, gerando combinações diversas no padrão de desenvolvimento na população de disléxicos. Muitas crianças já nascem com o distúrbio dislexia, outras desenvolvem no decorrer da sua vida, então temos que tomar cuidado para saber diferencia. Como entender?

Apresenta alterações no lobo temporal direito que é maior do que o esquerdo, quando o normal é o inverso. Em consequência, há dificuldade de estabelecer relação correta entre letra e som, troca de letras, inversões, separações e junções de palavras, gerando a necessidade de realfabetização (OLIVIER, 2019, p. 15).

Muitos autores dizem que as causas da dislexia vêm aparecendo no começo da alfabetização onde a criança demonstra a dificuldade no seu aprendizado.

Quando professor descobre a dificuldade da criança, logo apresenta a família o problema. Se a criança é realmente disléxica, fica muito mais fácil fazer um acompanhamento. Sabemos que muitas crianças, além de um acompanhamento do psicopedagogo terá que ter acompanhamento com outros profissionais, como fonoaudiologia, oftalmologista, psicologia etc. Nunca deixar de

investigar cada parte, buscando compreender, como realmente fazer um tratamento adequado, como trabalhar na instituição e como a família pode lidar e conviver com a situação.

Análise e Interpretação dos dados Pesquisados

Recorremos a grandes teóricos da área, que explicam o que é a dislexia, o que é a causa, e como podemos auxiliar a criança com aspectos emocionais de dislexia.

Segundo Guimarães (2004, p. 290), o termo dislexia é empregado para caracterizar um distúrbio de leitura encontrado em crianças e adultos, causado por danos cerebrais, como por exemplo um acidente cérebro-vascular.

Entendemos que é importante realizar a entrevista contratual, usada na psicopedagogia, que serve para coletar dados básicos pessoais sobre o contexto de vida afetiva, familiar e social do paciente. Ouvir pais, pacientes, professores e diretores, e entender como a criança disléxica está sendo avaliada, como avaliar, e analisar seus resultados, podendo assim ter um levantamento das informações.

A anamnese e uma forma padronizada de registrar a entrevista, em que será necessário ouvir o paciente, ao se iniciar uma pergunta é necessário de dar tempo para o paciente responder. Tem como o objetivo de colher dados muito importantes da história da vida, para que se possa esclarecer fatos observados durante a avaliação no qual, não será um diagnóstico duradouro, mais podemos analisar e levantar, hipóteses de acordo com a investigação que poderá servir de um diagnóstico do momento. Pois durante a anamnese e estudo sobre os sujeitos poderá ter várias mudanças e chegar em muitos conceitos sobre eles.

Nas atividades de intervenção deverá ser elaborado atividades como instrumento para o desenvolvimento da criança. Leitura de pequenas frases onde iremos analisar, como seu aprendizado, seu desenvolvimento na leitura se precede.

A leitura de texto, será de grande importância e podemos usar estas atividades em vários sentidos, trabalhar de maneira mais natural com a leitura, o texto, interpretação e muito outros instrumentais que poderão ser utilizados.

Há muitos jogos para o desenvolvimento da identificação dos símbolos. Por exemplo, na escrita de frases, deixaremos o sujeito usar sua capacidade e habilidade respeitando seus limites seus desenvolvimentos que mostrar através da sua escrita. É importante também, trabalhar com rimas: recitar rimas e poesias, cantigas infantis, charadas, trava-língua.

Os disléxicos fonológicos apresentam grande dificuldade na leitura de palavras não-familiares e de palavras inventadas, em decorrência de uma perda substancial na capacidade de fazer uso do procedimento de leitura sublexical, que é representado pela conexão entre o sistema de análise visual e o nível do fonema (GUIMARÃES, 2004, p. 292).

O método fônico tem como objetivo ensinar o indivíduo a ler etapa por etapa, começando pela decodificação das letras até a consciência fonológica, onde nosso sujeito poderá identificar som das letras e começar a perceber a diferença de cada som, podendo ajudar a levantar várias hipóteses, tendo assim, uma compressão do que está aprendendo. Isso, auxilia também o sujeito a desenvolver e a descobrir a capacidade da sua audição e até que ponto poderá a escutar e desenvolver o que realmente ouviu.

Considerações Finais

Este trabalho possibilitou entender como detectar crianças disléxicas na escola e como isso afeta seus aspectos emocionais. Foi importante abordar esse tema para aplicá-lo à educação. Durante a nossa pesquisa, chegamos a algumas conclusões, como por exemplo: uma criança com o distúrbio de dislexia não tem cura, e por ser um transtorno hereditário, não há cuidados preventivos, mas não quer dizer que não tem um tratamento. Tem tido muitos estudos e pesquisas, onde apresenta várias estratégias para o seu acompanhamento, no sentido que o disléxico tenha uma boa qualidade de vida e crescimento em sua vida estudantil, social etc.

Essa criança com um bom profissional da área da psicopedagogia fazendo intervenções, terá uma vida normal como de uma qualquer outra criança, tanto no aprendizado, na vida acadêmica, no trabalho, nos relacionamentos, entre outros, pode levar uma vida normal. Quando a família e a escola descobrem logo na primeira infância, na educação infantil, já é possível que ela tenha melhores condições de vida se houver um suporte especializado. Durante nossa pesquisa, notamos que muitos professores estão despreparados para lidar com esse tipo de situação e até

mesmo desconhecem o funcionamento do cérebro de uma criança disléxica. Usam jargões para dizer que a criança é preguiçosa até mesmo lerda, e inclusive a família a rotula e a excluí.

Mas quando a família tem conhecimento e a escola também trabalha com os mesmos objetivos, podemos dizer que está criança terá um grande avanço no seu desenvolvimento pedagógico, social etc. Sabemos que o psicopedagogo que desenvolve um olhar diferenciado, ou seja, um olhar clínico, um olhar sensível, com essas crianças tem um diferencial. Do nascimento até a educação infantil é o melhor momento de um educador observar e intervir com a criança disléxica e até mesmo descobrir as dificuldades e as necessidade de cada uma para poder atuar, para eu a criança não sofra emocionalmente.

Durante o período que professor fica com essa criança ele deve observar quais são as dificuldades e juntamente com a família e gestores, se necessário, encaminhar para um especialista. Quanto mais cedo ser acompanhada melhor será o desempenho dessa criança. Principalmente, quando se trata de uma escola pública, não são todos profissionais que tem essa responsabilidade. Normalmente, fecham os olhos e não se preocupam com o diferencial da criança.

Muitas vezes, a criança fica parada, não brinca, muito menos interage com os amiguinhos. É uma criança totalmente sensível, chora por tudo, ou seja, essa criança tem que ter um olhar cuidadoso que precisa ser investigado, pois são sinais que seu emocional, seu desenvolvimento não está de acordo de uma criança saudável. Os psicopedagogos têm que conhecer o emocional da criança e se colocar no lugar dela, sentir realmente suas necessidades e dificuldades. Os profissionais precisam saber o que essa criança realmente sente e o que carrega dentro de si.

O nosso objetivo é entender de como trabalhar para o desenvolvimento das crianças na infância pois isso pode interferir por toda a vida. Principalmente, se preocupar em fazer uma parceria com os pais e a escola. Essa criança disléxica precisa ter apoio tanto na vida escolar, familiar e com a comunidade, só assim terá um avanço em todos os aspectos. Os educadores, bem como o psicopedagogo nunca deve comparar uma criança com outra criança, e sempre orientar os pais e os educadores a não fazer este tipo de comparação. Isso só irá afetar mais o emocional e prejudicar o disléxico. Um bom profissional sempre irá pesquisar, ir atrás de conhecimento e saber ouvir as queixas dos sujeitos. Essas crianças precisam ter alguém da confiança delas para falar, se expressar e demonstrar suas dificuldades.

Através das queixas que nós iremos descobrir, diagnosticar e pesquisar qual será a melhor estratégia para iniciar os tratamentos. Através da nossa pesquisa, sabemos que a maioria dos disléxicos apresentam suas dificuldades na escrita, leitura, visão de direita e esquerda, pular, saltar, amarrar cadarços etc. Temos que estar atentos em todos esses pontos e observar a criança também, na parte da audição e visão, porque quando um bom educador tem um olhar clínico na educação infantil, ele observa cada minúcia. Muitas vezes, temos uma criança com pouco desenvolvimento ou até mesmo uma criança muito tímida, ela deve ser observada, não com olhar crítico, mas com olhar clínico, um olhar cuidadoso e profissional.

Geralmente não é somente a criança que precisa de tratamento e orientação, mas a família também precisa de muito apoio e o psicopedagogo deve saber esclarecer que essa criança precisa ser apoiada, acompanhada e cuidada.

Hoje com grandes pesquisadores e autores temos a posse de grande material psicopedagógico. Temos que trabalhar com o cognitivo, o emocional e o social dessa criança. Importante auxiliar na coordenação motora grossa e fina e ficar com os olhos atentos na lateralidade e psicomotricidade.

Um bom psicopedagogo não fará um diagnóstico inconsequente. Irá sempre pesquisar juntamente com outros profissionais em parceria com o mesmo propósito: esclarecer o problema. Crianças que já vem com um diagnóstico pronto e com o encaminhamento diretamente para o psicopedagogo, deverá ser reavaliado. Importante saber como, quanto, e o que fazer para auxiliar esse sujeito e sua família.

Referências

APARECIDA, Lindamir; SOLIGO, Valdecir. **Alunos desatentos: e agora, Pedagogos?** Paraná, Secretaria de Educação. Cadernos PDE, 2016.

BARSASABER. **Dispraxia, dificuldade no desempenho de movimentos. Síndrome de desastrado.** Janeiro, c2017. Disponível em:
<http://brasil.planetasaber.com/theworld/chronicles/seccions/cards/default.asp?pk=3288&art=9>
4. Acessado em: 15 Jun 2020.

- BALLONE, G.J.; MOURA E.C. **Problemas Emocionais na Escola**. Parte 1, in. Psiweb, disponível em WWW.psiweb. Med. BR, pesquisado em 2013. Acessado em: 17 Ago 2020.
- CALDEIRA, Elisabeth; CUMIOTTO, Dulce Maria Lázzaris de Oliveira. **Dislexia e Disgrafia: Dificuldades na Linguagem**. Universidade do Vale do Itajaí. Santa Catarina, Psicopedagogia, 2004.
- CECÍLIA, M. S. M; FERREIRA, Suely D; GOMES, Romeu. et al. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 21 Ed. Petrópolis-SP, Editora: Vozes, 2002.
- CRISTINA, Isabel. **Métodos e didáticas de alfabetização: História, características e modos de fazer de professores**. Belo Horizonte. Ceale/FaE/UFMG, 2005.
- DIEGO, C; GARCIA, Elaine J; LEON, Kelli C.B; GOULART, Leila M. V. et al. **Lidando com as Diferenças – Dislexia: A Inclusão na escola**. São Paulo: Editora: QuererSaber, 2016.
- ENGEL, Tatiane; G. TOLFO, Denise. S. **Métodos de pesquisa: Série educação a distância**. Rio Grande do Sul: Editora: UFRGS, 2009.
- FUMAGALLI, Jerusa. ALICE, Maria. SILVA, Machado. **As dislexias de desenvolvimento: Aspectos neuropsicológicos e cognitivos**. Interações: Vol. IX, nº 17, p. 109-132, jan-jun. 2004.
- GUIMARÃES, S. R. K. **Dislexias adquiridas como referência para a análise das dificuldades de aprendizagem da leitura**. Curitiba. Editora UFPR, 2004.
- GUIA DA INTERNET. Disponível em: hospitalsaomatheus.com.br > Blog > Blog 18 de fev. de 2019. Acessado em: 07 set 2020.
- JUDITH, Alda Alves. M. **Usos e abusos dos estudos de caso: Caderno de pesquisa**. Rio de Janeiro, 2006.
- KIRCHNER, Sandra. **Dislexias adquiridas como referência para a análise das dificuldades de aprendizagem da leitura**. Editora UFPR, Curitiba, 2004.
- MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5 Ed. São Paulo. Editora: Atlas S.A, 2003.
- MOURÃO, Sara; SOARES, Magda. **Processos cognitivos na leitura inicial: relação entre estratégias de reconhecimento de palavras e alfabetização**. Universidade federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014.
- MOURÃO, Maria Helena. **Estratégias de compreensão de leitura**. Universidade Católica de Campinas. Psicol. Esc. Educ. Impr.) vol.7 no.1 Campinas, 2003.
- MUNARI, Alberto; **Jean Piaget**. Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, Recife, 2010.

MOUSINHO, Renata; SCHMID, Evelin; PEREIRA, Juliana; LYRA, Luciana; MENDES, Luciana; NOBREGA, Vanessa. **Aquisição e desenvolvimento da linguagem:** dificuldades que podem surgir neste percurso. Rev. Psicopedagogia, Rio de Janeiro, 2008.

OLIVIER, Anna Lou. **Dislexia adquirida e disgrafia:** como detectar, diferenciar, entender e tratar. Rio de Janeiro, Editora: Wak, 2019.

PAIVA, Márcia; BATISTA, Cleide. **Aprendizagem da leitura e escrita:** dificuldades que se apresentam neste processo. Versão On-line, Paraná, 2013.

PINHEIRO, A. M. V.; SCLiar; Leonor, C. **Dislexia:** causas e consequências. Belo Horizonte. Editora: UFMG, 2017.

ROSA, Francisco; FERRAZOLI, Regina; MARÍLIA, Ana Paula; NUNES, Cassandra. FLORÊNCIO, Rui; SCHILLING, Lisiane. **A lateralidade cruzada e desempenho da leitura e escrita em escolares.** Rev. CEFAC. Florianópolis, 2013.

SOUZA, Priscila. **Dificuldades de aprendizagem.** Universidade de Maranhã, São Luiz, 2015.

VÍRGÍNIA, Jacineide. **Dificuldades na leitura e escrita.** Universidade estadual da Paraíba. Paraíba, 2014.

YIN, Roberto K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 2 Ed. Porto Alegre. Editora: Bookmam, 2001.